



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**

*Gabinete da Presidência*

**Apresentação do Livro: “Guerra Colonial – Um Soldado  
na Guerra”**

**Discurso**

Agradeço de forma sentida à Associação dos Ex-combatentes da ilha do Faial e ao autor do livro, Sr. Hélder Fernandes, pela honra que me concedem ao estar presente neste lançamento.

Eu faço parte da geração que já nasceu na época da liberdade, mas também eu, filha e nora de ex-combatentes, me revi em muitos excertos deste livro, e confidencio-vos, em muitas passagens me comovi!

Como referi há pouco, nasci depois do 25 de abril, mas quis o destino que sempre tenha procurado perceber como era viver noutro tempo: um tempo de dificuldades, de uma sociedade desigual, onde a liberdade de expressão era sinónimo de perseguição e um tempo onde os nossos jovens

eram enviados para a guerra, muitos deles sem sequer perceberem o propósito da mesma.

Ao longo dos anos em que decorreu a Guerra Colonial Portuguesa, ou a Guerra do Ultramar, como era comumente conhecida, os nossos militares empunharam armas em nome de uma causa que, para muitos, não era a deles, em lugares distantes, para a maioria desconhecidos, como Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, vendo-se, assim, afastados da sua terra e da sua família.

Esses longos e penosos anos, não foram, no entanto, menos longos, nem menos penosos para quem atrás ficou.

Isso mesmo refere o autor ao dedicar às mães, às esposas, às namoradas o capítulo décimo deste livro.

Foram todos uns heróis, corajosos e defensores da pátria, mas infelizmente muitas vezes esquecidos.

Por isso é nosso dever perpetuar a história, para que outros, como eu, herdeiros de um país livre, não esqueçam o sofrimento e a luta que esteve na base da Revolução dos Cravos que restituiu a democracia, e conseqüentemente, a liberdade e o respeito pela vontade do seu Povo.

E falar da Revolução é falar, obrigatoriamente, daqueles que deram tudo, infelizmente muitos deram a própria vida,

outros regressaram com graves deficiências físicas, mas todos, estou certa, deixaram naquelas terras longínquas os melhores anos da sua vida e os que tiveram a felicidade de retornar, sãos e salvos, nunca mais esquecerão o período que passaram num conflito armado, no qual foram obrigados a participar, permanecendo marcas, muitas delas mais profundas que as físicas, porque também mais incompreendidas, que são as marcas psicológicas e sociais.

A este propósito o autor refere que esta é uma geração adiada e algures no livro cita “Não havia branco regressado do mato que viesse inteiro, mesmo quando por fora não trazia nem um arranhão.”

Hélder Fernandes logo no início do livro referia e cito “Os mais de quarenta anos volvidos terão feito passar ao esquecimento esse período da nossa história. É já, talvez, nebuloso, vago. O país está orientado noutra sentida. Esta fase da história termina com o último veterano.”

Acredito que a história não morrerá. Hoje, este livro é também uma forma de celebrar a vida e memorar o passado. E por isso é nosso dever e é nossa a responsabilidade de eternizar estas memórias, para que mesmo quando partir o último combatente, ninguém as esqueça!

Bem Hajam!

Horta, 4 de março de 2017

A Presidente da Assembleia Legislativa da Região  
Autónoma dos Açores

Ana Luísa Luís